

Propagação de Espécies Aromáticas com Interesse Ornamental O Género *Thymus*

Fernanda Delgado¹, M^a do Rosário Oliveira¹ & Célia Rosa

¹ Escola Superior Agrária, Castelo Branco, fdelgado@esa.ipcb.pt

Resumo

Apresentam-se os resultados de estudos desenvolvidos em propagação vegetativa sobre algumas espécies do género *Thymus*, com interesse ornamental para a Beira Interior ou para regiões com problemas de deficiência de água.

Como espécies mais utilizadas e com maiores possibilidades para serem aproveitadas como ornamentais em zonas de escassos recursos hídricos salientam-se: *Thymus vulgaris* L., *Thymus pulegioides* L., *Thymus x citriodorus* (Pres.) Schweigger & Koerte, *Thymus variegatum* e *Thymus prostratum*. Destas espécies apresentam-se ainda resultados de variabilidade fenotípica e evolução fenológica em condições de cultura.

Palavras-chave: Tomilho; *Thymus*; Propagação; Deficiência de água

Abstract

In this study we present results of studies of vegetative propagation developed in some species of the *Thymus* genera with ornamental interest to Beira Interior and in areas with undersupplied water problems.

The species with high utilization and with higher probabilities of ornamental use in areas with scarce water resources are: *Thymus vulgaris* L., *Thymus pulegioides* L., *Thymus x citriodorus* (Pres.) Schweigger & Koerte, *Thymus variegatum* and *Thymus prostratum*. Within this species we also present results of phenotypic variability and phenological evolution in field conditions.

Keywords: Thyme; *Thymus*; Propagation; Water stress

Introdução

O desenvolvimento da jardinagem como fonte de bem-estar e lazer das populações, veio incluir as plantas aromáticas na listagem de plantas a utilizar nesta actividade.

Neste início de milénio, tem vindo a ocorrer, por parte do público, uma procura cada vez maior de informações acerca do uso das plantas medicinais e aromáticas, seja pela sua utilização como fitoterapêuticos, condimentos, cosméticos, perfumaria, ou para simples deleite em actividades como a jardinagem. Este facto pode ser um reflexo do stress decorrente do actual estilo de vida.

As plantas autóctones têm sofrido igualmente, uma modificação importante na sua forma de comercialização e, apesar do esforço realizado neste sector, este encontra-se numa situação indefinida e marginal comparativamente com outras plantas. Parte desta marginalidade é devida ao facto do sector industrial e de comercialização ter assumido a Natureza como fonte exclusiva de muitos dos produtos nele

comercializados. Isto torna-se ainda mais significativo se tivermos em atenção o facto de que não existe, actualmente, superfície cultivada que colmate as necessidades do mercado, estando a sua produção quase totalmente dependente das colheitas de plantas silvestres.

Com um valor estético análogo ao de muitas espécies designadas por exóticas, há lugar para a utilização de espécies autóctones nos nossos espaços verdes, pois estas encontram-se bem adaptadas ao clima regional e são menos exigentes em termos de manutenção; também a sua rusticidade é um factor de ponderação para a sua produção devido às vantagens ecológicas e económicas a elas associadas. Este aspecto é ainda salientado pelo facto de, se defendermos a utilização multifuncional destes espaços, estes poderem ser utilizados como locais de sensibilização/educação ambiental, oferecendo à população a possibilidade de conhecer a flora e fauna autóctones.

O género *Thymus* encontra-se amplamente distribuído pela Península Ibérica com diversas espécies, muitas delas endémicas, constituindo comunidades caméfitas, vulgarmente designadas por tomilhões.

Segundo Bermejo (2000), podem reconhecer-se cerca de 36 espécies na Península Ibérica, das quais 25 são endémicas. Algumas das mais utilizadas encontram-se resumidas no Quadro 1.

A propagação vegetativa, nomeadamente por estacaria, tornou-se uma prática tão comum como a sementeira, e à sua maneira tão bem sucedida como aquela. A eleição da utilização de estacas como material preferencial de propagação é devido, provavelmente, ao facto da maioria das plantas poderem ser propagadas desta forma.

Uma das grandes vantagens deste método é a obtenção de plantas exactamente idênticas à planta-mãe, num espaço de tempo mais curto do que o necessário à obtenção de uma planta por sementeira.

Material e Métodos

Os ensaios de propagação vegetativa, foram realizados no sector de hortofloricultura da Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB), situada na Quinta da Senhora de Mércules, a aproximadamente 3Km para Este da cidade de Castelo Branco, na estufa n.º 4 (na qual se propagaram as espécies em estudo), que apresenta uma orientação Norte-Sul, cujo material de cobertura é o poliéster estratificado com fibra de vidro e, onde as bancadas de enraizamento não são aquecidas, mas onde existe o controlo da humidade ambiental através de um sistema de rega por nebulização, sendo o tempo de regas e espaçamento entre regas adaptável a cada época do ano.

Para a realização deste trabalho foi escolhido o género *Thymus*, tendo sido efectuados ensaios de propagação vegetativa com estacas terminais e intermédias de 3 espécies de tomilho (*Thymus x citriodorus*, *Thymus pulegioides*, *Thymus variegatum*) na época de Primavera e para o *Thymus pulegioides* foram ainda efectuados ensaios na época de Outono/Inverno e Primavera/Verão, com estacas terminais e intermédias, por se tratar de um ecótipo regional.

Nos ensaios de propagação vegetativa foram utilizadas 90 estacas de cada uma das espécies, tendo em 45 delas sido aplicado regulador de crescimento AIB a 0,5% e nas restantes não se verificou essa aplicação.

O material vegetal a propagar (estacas de 5 cm), era proveniente de pés-mães de culturas *ex-situ*, mais propriamente do campo de caracterização/demonstração existente na ESACB, das quais foram removidas as folhas da parte inferior.

O substrato utilizado foi uma mistura de turfa e perlite numa proporção de 2:1, tendo as estacas sido colocadas em tabuleiros alveolares, as observações foram efectuadas ao fim de 15, 21, 28 e 40 dias.

Nas observações, utilizou-se uma classificação proposta, referente à presença ou ausência de sistema radicular (0 para ausência de raizame, 1 para a existência de primórdios e 2 para a existência de sistema radicular).

Durante o ensaio as condições de temperatura e humidade foram registadas em termohigrografo instalado na estufa.

Resultados e Discussão

Após o período estabelecido para a realização das observações no ensaio I (Enraizamento de estacas terminais de 3 espécies de *Thymus*, época de Primavera) foi verificada a taxa de enraizamento, cujos resultados se encontram na figura 2.

Ao fim de 28 dias, as percentagens observadas foram em todas as espécies superiores a 50% de enraizamento (escala 2). As espécies híbridas de *Thymus x citriodorus* reagiram positivamente à aplicação de AIB, tendo este facto também sido registado em menor escala no *Thymus pulegioides* (TA1) contrariando os outros dois ensaios efectuados nesta espécie onde a aplicação de AIB não teve influência nos resultados verificados após 15 dias (Figura 3).

No ensaio II (Enraizamento de estacas terminais (ET) e intermédias (EI) de *Thymus pulegioides*, na época de Primavera/Verão (P/V 2003)), não se verificou a influência de aplicação de AIB e os resultados foram em ambos os casos de 100% de enraizamento (Figura 2 e 3).

Na época de Outono / Inverno obtiveram-se enraizamentos acima de 80%, em estacas terminais, tendo-se registado esta época como a menos favorável para esta espécie.

As transplantações para local definitivo verificaram-se, no caso da época de Primavera/Verão, logo 4 semanas após o enraizamento, e no caso da época de Outono/Inverno, só ocorreu 20 semanas após o enraizamento.

Pelos ensaios efectuados podemos apontar a época de Primavera/Verão como a mais vantajosa em termos práticos e económicos para a propagação destas espécies, tanto pelas percentagens de enraizamento verificadas como pelo menor tempo que as plantas se encontram em viveiro.

Nas figuras 4 e 5, podemos observar o aspecto de desenvolvimento verificado pelo *Thymus pulegioides* 5 e 6,5 meses após a transplantação, salientando-se o excelente revestimento que esta espécie pode proporcionar, servindo assim de alternativa a relvados em regiões onde a água começa a ser um factor limitante.

No quadro 2, podemos observar as características de diferentes tomilhos com interesse ornamental, estudados na região da Beira Interior, destacando-se características como sejam porte (incluindo neste parâmetro a altura da planta), época de floração (início, plena e final), cor da flor (utilizando para isso o Color Chart da RHS) e utilizações alternativas.

Considerações Finais

A remoção das plantas autóctones do seu meio natural deverá ser substituída pela colocação em situações de cultivo destas espécies e pela sua exploração

ornamental, desempenhando assim igualmente um papel essencial numa agricultura de conservação da biodiversidade.

A dificuldade em obter espécies autóctones para fins ornamentais, principalmente espécies do estrato semi-arbustivo, advém de alguns factores, entre eles, a falta de sensibilização e interesse na sua comercialização pela lacuna de conhecimentos existente entre os viveiristas comerciais quanto às suas características e potencialidades.

O público consumidor ainda não está culturalmente vocacionado para a utilização destas plantas e para a concepção de espaços ajardinados mais próximos da Natureza e das paisagens mediterrâneas.

É uma questão de tempo para esta re-educação ambiental.

Os tomilhos demonstraram ser uma espécie com elevadas potencialidades na integração de espaços verdes, em zonas com escassos recursos hídricos, sendo espécies vivazes com floração primavero-estival, estando adaptados a cortes de controlo de crescimento e a topiária, podendo ser integrados em revestimento de solo, sebes de compartimentação e maciços.

Integrando o conjunto de espécies com floração que vai do branco, rosa ao lilás, esta panóplia colorida permite uma escolha diversa na sua integração paisagista.

Bibliografia

- Bermejo. 2000. Los Nuevos Cultivos. *In*: Diversidad Biológica: Nuevos Horizontes Para La Agricultura. BCH (Pulso Agrario/Monografía)
- Colour Chart. 2001. The Royal Horticultural Society. Londres
- Costa, J. M. G. .1996. Flora espontânea – boas perspectivas em jardinagem e restauro de ecossistemas degradados. Actas do 1.º Colóquio Nacional de PAM. Vilamoura. pp:117-122
- Delgado, F.; Rosa, C.; Sousa, T., e Amaro, M. C. .2003. Estudos de Propagação de PAM da Beira Interior com interesse agronómico no modo de Produção Biológico. Actas do I Colóquio Nacional de Horticultura Biológica. Associação Portuguesa de Horticultura. Coimbra. pp:177-182
- Franco, J. A. .1984. Nova flora de Portugal (Continente e Açores). Volume II. Clethraceae – Compositae. Sociedade Astória, L^{da}. Lisboa. pp:172-185
- Hartmann, H. T.; Kester, D. E.; Davies, F. T., e Geneve, R. L. .1997. Plant propagation, principles and practices. 6.^a Edition. Prentice – Hall International Inc.. New Jersey. pp:710
- Torres de Castro, L. F. .2000. As plantas autóctones na composição dos espaços verdes urbanos. Actas do III Encontro Nacional de Plantas Ornamentais. APH. Viana do Castelo. pp:301-305

Quadros e Figuras

Quadro 1. Espécies de tomilhos ibéricos, com utilização ornamental

	Nome vulgar	Distribuição em Portugal e Espanha
<i>Thymus mastichina</i>	Tomilho branco; bela luz	Centro de Portugal e Sul de Espanha
<i>T. albicans</i>	Majorana	Cádiz, Huelva, Algarve
<i>T. caespititius</i>	Tormentelo	Trás-os Montes, Minho e Beira
<i>T. capitatus</i>	Tomilho de creta	Beira Litoral, Estremadura, Alentejo e Algarve
<i>T. vulgaris</i>	Tomilho vulgar	Oriente peninsular
<i>T. hyemalis</i>	Tomilho de inverno	Alicante, Murcia, Almería
<i>T. zygis</i>	Tomilho vermelho; sal da terra	Centro e Sul de Espanha
<i>T. baeticus</i>	Tomilho cinzento	Costa desde Murcia a Huelva
<i>T. pulegioides</i>	Tomilho-das-serras; serpão	Norte de Espanha e Portugal
<i>T. x citriodorus</i>	Tomilho - limão	Estremadura e centro da península
<i>Thymbra capitata</i>	Tomilho andaluz	Sul da península e Baleares

(Adaptado de Bermejo, 2000)

Quadro 2. Época de floração, coloração e utilizações das diferentes espécies de tomilhos

Família	Nome Científico	Nome vulgar	Floração		
			Início	Plena	Final
Lamiaceae	<i>T.x citriodorus</i>	Tomilho limão	Fins Março	Fins Maio	Início Ag.
	<i>T. prostratum</i>	T. prostrado	Fins Março	Fins Maio	Fins Julho
	<i>T. pulegioides</i>	Serpão	Início Julho	-----	-----
	<i>T. variegatum</i>	T. variegado	Meados Abril	Fins Maio	1ª quinz Junho
	<i>T. vulgaris</i>	T. vulgar	Início Março	Fins Março	Fins Maio Início Junho

Quadro 2. (cont). Época de floração, coloração e utilizações das diferentes espécies de tomilhos

Nome Científico	Porte da planta	Côr da flor	Utilizações				
			Jardim	Vaso	Arom	Med	Cond
<i>T.x citriodorus</i>	Erecto (15-30cm Alt.)	76C/84C	X	X	X	X	
<i>T. prostratum</i>	Prostrado (5-10cm Alt.)	75C	X		X		
<i>T. pulegioides</i>	Semi-prostrado (19-30cm Alt.)	76C	X	X	X	X	X
<i>T. variegatum</i>	Erecto (15-30cm Alt.)	76C/75C	X	X	X		
<i>T. vulgaris</i>	Erecto (30-45cm Alt.)	76C	X	X	X	X	X

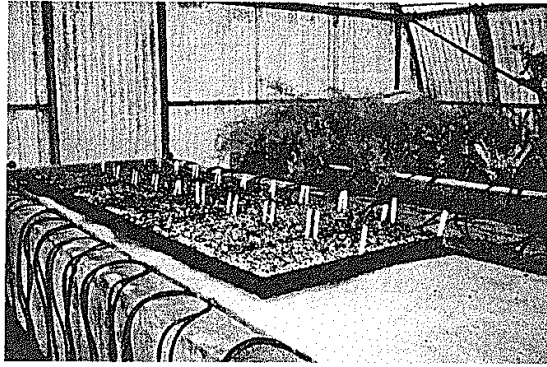


Figura 1. Aspecto geral do ensaio de propagação vegetativa

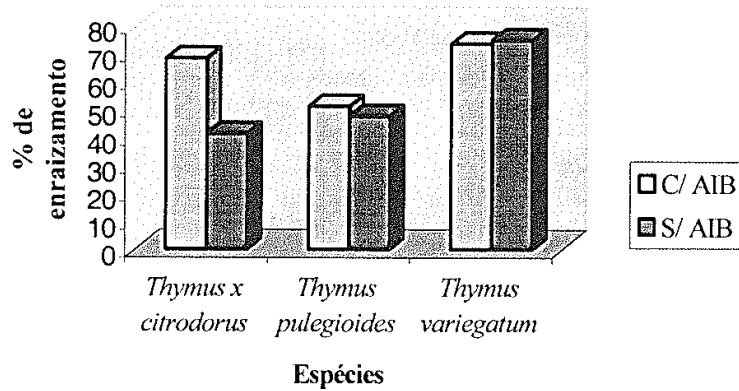


Figura 2. Percentagem de enraizamento das estacas de três espécies de *Thymus*, na época de Primavera, ao fim de 28 dias.

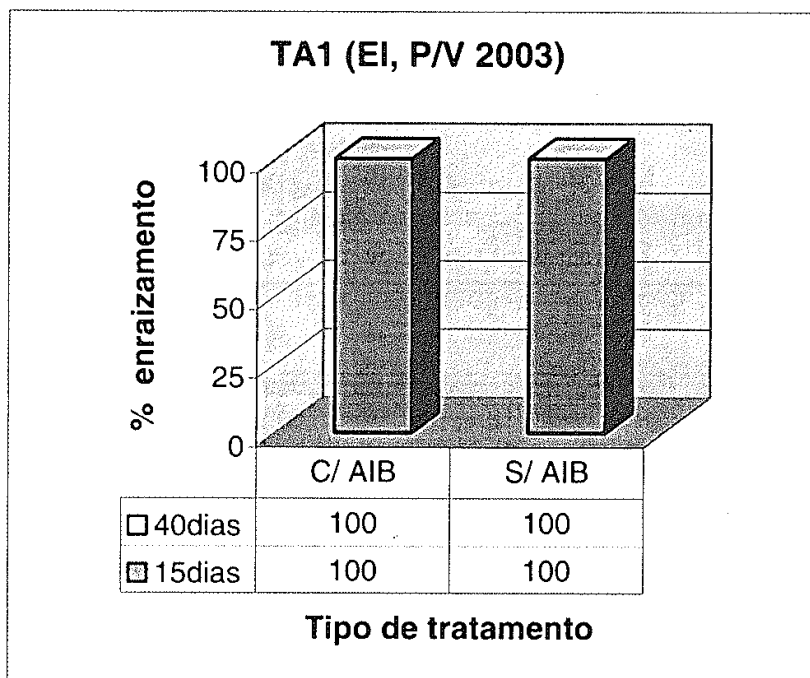


Figura 3. Percentagem de enraizamento de estacas intermédias de TA1, consoante o tipo de tratamento, ao fim de 15 e 40 dias

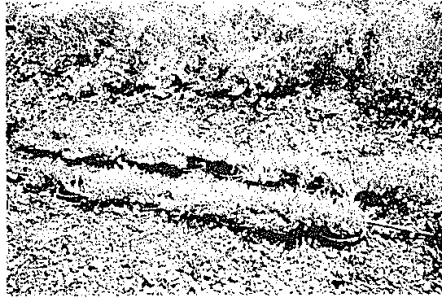


Figura 4. Campo de caracterização/
demonstração de *Thymus*, 5 meses
após a transplantação

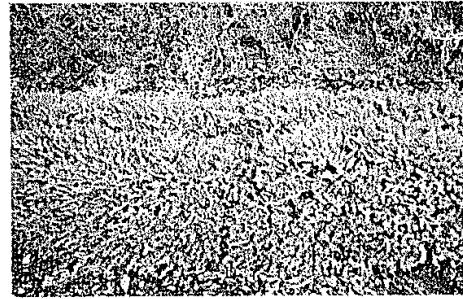


Figura 5. Campo de caracterização/
demonstração de *Thymus*, 6,5 meses
após a transplantação